

17:11 ENTREVISTA: FED PODE ESPERAR ATÉ 2011 P/SUBIR JURO, DIZ EICHENGREEN

Nova York, 14 - O Federal Reserve (Fed) deverá se manter cauteloso em relação aos juros e início do processo de aperto monetário para se certificar de que a economia está bem. A avaliação é do economista Barry Eichengreen, professor de Economia e Ciência Política na Universidade da Califórnia, Berkeley, que se mostra preocupado com a fraqueza da economia dos EUA no terceiro e quarto trimestres e acha que autoridade monetária deve esperar 2011 para decidir subir os juros.

Em entrevista, por telefone, à correspondente da Agência Estado em Nova York, Luciana Xavier, Eichengreen - autor de vários livros, entre eles, "Globalização do Capital" e "Crises Financeiras" - disse ser provável que ventos forte ainda soprem na economia dos Estados Unidos no segundo semestre, vindos do mercado imobiliário, do fim dos estímulos do governo e da alta taxa de desemprego. Dos três pontos, o desemprego é o mais preocupante.

Entretanto, Eichengreen, também pesquisador do National Bureau of Economic Research (NBER), disse que a recessão provavelmente ficou para trás e mesmo os membros do NBER sabem disso. Apenas não podem declarar oficialmente por causa das regras do instituto. O NBER anunciou na segunda-feira que não poderia assegurar que a recessão chegou ao fim e que a fase de expansão nos Estados Unidos começou.

Leia a seguir a íntegra da entrevista:

Agência Estado: A economia dos Estados Unidos foi salva de naufragar como o Titanic. Onde ela está agora, ainda no oceano ou já em terra firme?

Barry Eichengreen: Posso ver que os sinais econômicos estão ficando cada vez melhores, olhando os indicadores mais recentes como vendas de automóveis, os dados de emprego e os últimos números do Índice dos Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês). Eles vierem todos relativamente bons, então acho que a economia está reagindo. Mas ainda haverá muitos problemas para o país lidar na segunda metade do ano.

AE: Que tipo de problemas?

Eichengreen: Bem, os estímulos vão começar a serem removidos e vamos ver mais problemas no mercado imobiliário. Há mais execuções de hipotecas e o que chamamos de "inventário de sombra" nesse mercado. Os bancos efetuaram várias execuções de hipotecas, mas eles ainda não colocaram as casas de volta no mercado e isso deve começar a ocorrer no segundo semestre. Então, a fraqueza do mercado imobiliário será um obstáculo para a economia, assim como o fim dos estímulos e o fato de que a taxa de desemprego vai recuar muito lentamente, o que vai continuar segurando os gastos do consumidor.

AE: Mas a economia não vai desacelerar a ponto de haver o risco de uma dupla recessão?

Eichengreen: Espero que não. Isso não é, na verdade, algo que se possa prever, mas acho que devemos ser cautelosos. Ou seja, não podemos dizer ainda que estamos navegando em águas tranquilas.

AE: Então, ainda estamos no oceano?

Eichengreen: Sim e ainda teremos algumas ondas grandes na segunda metade do ano.

AE: Mas, pelo que o senhor diz, pelo menos a economia saiu da recessão?

Eichengreen: Eu acho que é mais provável que sim, que a recessão acabou, do que o contrário. Membros do comitê do NBER explicaram a segunda-feira que não podiam declarar que a recessão acabou porque as regras pedem que eles esperem por mais indicadores para se certificarem de que a recessão acabou realmente e de que não haverá um segundo mergulho.

AE: O NBER declarou no ano passado que a recessão começou no final de 2007 e não foi novidade nenhuma. Daqui a um ano, irá declarar que a recessão acabou neste semestre. Qual o sentido disso?

Eichengreen: Bem, o que o NBER faz é oferecer dados para pesquisa. O NBER segue as mesmas regras desde o início do século 20 e não faz projeções para o mercado, tanto que ninguém no mercado reagiu às declarações do comitê.

AE: O que mais preocupa o senhor na economia norte-americana dos pontos que o senhor já citou - mercado imobiliário, fim dos estímulos e taxa de desemprego?

Eichengreen: Acho que das três, a alta taxa de desemprego é a mais preocupante. Porque sabemos por pesquisas que, especialmente quando um jovem sai da faculdade e encara o desemprego imediatamente, isso causa danos para sua experiência profissional de modo permanente. Fica mais difícil se mover de um trabalho para outro depois ao longo de sua vida profissional.

AE: Que taxa de desemprego seria razoável esperar para o final deste ano e em 2011?

Eichengreen: Bem, não tenho números específicos, mas uma taxa normal de desemprego deveria ser 5% nos Estados Unidos. Então, por exemplo, com uma taxa de desemprego decrescente que fosse de 9% em 2010, 8% em 2011 e 7% em 2012, levaria mais quatro anos para termos uma taxa de desemprego num patamar razoável. É muito tempo, causa danos às perspectivas de carreira de uma geração inteira.

AE: Há chance de que a taxa de desemprego chegue a 5% antes disso?

Eichengreen: Bem, se você acredita na "regra de Zarnowitz", de que quanto maior a recessão, mais rápida a recuperação, diria que sim, pois tivemos uma recessão muito profunda e então teríamos uma retomada extraordinariamente rápida. Como consequência, poderia ser mais fácil trazer a taxa de desemprego para baixo. Só que não acredito nisso. Acho que causamos danos permanentes na capacidade de os EUA crescerem. O sistema financeiro ainda está se curando. A indústria de construção vai continuar deprimida por um bom tempo. Então, acho que a "regra de Zarnowitz" será violada desta vez e, por isso, me preocupo que a taxa de desemprego demore demais para cair.

AE: Qual o grau de preocupação do senhor com os déficits gigantes nos EUA no curto e longo prazo?

Eichengreen: Estou preocupado tanto com o déficit fiscal muito grande como também o enorme déficit em conta corrente. Mas a questão fiscal não é um problema agora, porque precisamos manter os gastos para manter a demanda crescendo. E os juros estão tão baixos que não é custoso financiar o déficit. Nos custa muito pouco e o mercado fala de como são grandes os déficits, mas não age como se estivesse realmente preocupado com isso. Então, não me preocupo com o déficit fiscal agora, mas daqui a quatro, cinco anos, ele se tornará um problema muito sério para o país, para o dólar, se não lidarmos com isso. A partir de 2015, as pessoas nascidas no "baby boom" ("baby boomers", pessoas que nasceram após o término da Segunda Guerra Mundial) começam a se aposentar e os custos com previdência e saúde devem subir rapidamente. O problema do déficit deve ficar maior, não menor. Então, eu não me preocupo com isso (agora) e não estou certo de que devemos nos preocupar em 2011. Mas, depois disso, precisaremos de um consenso político sobre o que deve ser feito.

AE: Falando de política monetária, por que está tão difícil para o Federal Reserve (Fed) tirar de seus comunicados a frase sobre manter os juros baixos por um "período prolongado"?

Eichengreen: Acho que o Fed está esperando para ver o que acontecerá na segunda metade do ano. Se o crescimento se mantiver forte no próximo semestre ele pode remover a frase, mas se a economia enfraquecer de novo no terceiro e quarto trimestres teria sido um erro remover a frase do "período prolongado".

AE: Uma vez que a frase seja removida, o próximo movimento, de alta de juro, deve vir rápido?

Eichengreen: Duvido que venha rápido. Como disse, estou preocupado com a fraqueza da economia no terceiro e quarto trimestres. Acho que o Fed pode muito bem esperar até 2011 para decidir subir os juros.

AE: O presidente do Fed de Kansas City, Thomas Hoenig, disse recentemente que o Fed poderia elevar o juro para 1%, que ainda assim representaria uma política monetária "altamente acomodatória". O senhor concorda?

Eichengreen: Não. Juro em 1% significa 100 pontos-base acima de zero. E em uma economia onde os bancos ainda estão arrumando seus balanços, seria arriscado começar agora a normalizar as taxas. Eu entendo o desejo de alguns membros (do Fed) de retornar os juros a níveis mais altos. Mas eu seria cauteloso e esperaria por mais informações sobre a economia no segundo semestre. (Luciana Xavier)